

O TRABALHO DO CIÚME

Hélia Correia, *Desmesura – Exercício com Medeia*

(Lisboa, Relógio d' Água, 2006)

Com frequência trata Hélia Correia de assuntos da cultura grega em livros seus. Depois de abordar o tema de Ulisses em *A Casa Eterna* (1991) e as figuras femininas de Antígona e Helena nas peças de teatro *Perdição – Exercício sobre Antígona* (1991) e *O Rancor – Exercício sobre Helena* (2000), respectivamente¹, está a escrever, de momento, uma série centrada na personagem do pequeno Mopsos, filho de Apolo e neto do grande adivinho Tirésias, que já faz as delícias de muitos e é mais um exemplo desse seu gosto – série de que já saíram *O Ouro de Delfos* (2004) e *A Coroa de Olímpia* (2005), em que acompanhamos, no primeiro, o nosso protagonista na visita ao grande santuário e oráculo do deus da claridade, da razão, da poesia e da música; e no segundo seguimos a sua viagem a outro grande santuário da Grécia antiga, para assistirmos à realização dos primeiros Jogos Olímpicos, criados por Héracles, vivermos os últimos momentos da organização e construção das estruturas necessárias ao acolhimento de atletas e delegações, para sentirmos as emoções da chegada dos participantes e concorrentes, o sabor das alegrias da vitória. E já se anuncia o terceiro volume, *O Carneiro da Cólquida*, que, ansiosos, esperamos e naturalmente nos proporcionará a companhia de Jasão e dos Argonautas, com suas aventuras na terra de Medeia, mas também a presença, intensa e excessiva, dessa terrível e fascinante mulher que nunca se deixa vencer ou se dá por vencida.

¹ - Sobre o tratamento dos temas clássicos nestas obras vide Luísa da Nazaré Ferreira em J. Ribeiro Ferreira e Paula Barata Dias (org.), *Fluir Perene* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004), pp. 55-73;

É precisamente esta poderosa figura que Hélia Correia aborda em *Desmesura – Experiência com Medeia*, publicado pela Relógio d' Água em novembro de 2006, que, das várias versões do mito chegadas até nós, tem subjacente, nos seus dados essenciais, a que a *Medeia* de Eurípides fixou em definitivo, embora lhe dê tratamento significativamente distinto, com aspectos inovadores. Nas duas obras, a protagonista é detentora de poderes mágicos e presta culto a Hécate. De carácter apaixonado, possessivo e vingativo nas duas peças, por amor a Jasão trai o pai, esquarteja o irmão, causa a morte de Pélias – razão pela qual vivem exilados em Corinto como hóspedes de Creonte. Nas duas, Jasão quebra os juramentos e, oportunisticamente, abandona Medeia para casar com a filha do rei, provocando a reacção violenta da rejeitada que por ele tudo deixara e tudo ousara – uma reacção que transforma o amor em ódio e conduz à vingança cruel e desmedida que atinge primeiro Glauce, sua rival no coração do marido, e culmina no filicídio com que pretende castigar a infidelidade de Jasão.

Se no seu todo a *Medeia* de Eurípides está subjacente na *Desmesura* de Hélia Correia, há também, a cada momento, passos desta última que apresentam paralelo estreito com versos da tragédia do poeta de Salamina. Dou dois exemplos. As palavras de Melana, dirigidas a Jasão (p. 28)

Medeia, tu bem sabes, é
Bem mais que uma mulher. Destrói quem ousa
Desagradar-lhe ou desobedecer-lhe.

Traz logo à memória os versos 44-45 da *Medeia* de Eurípides, ditos pela Ama (que damos na tradução de M.H. Rocha Pereira): «É que ela é terrível, e quem a desafiar como inimiga não alcançará facilmente vitória». Recorda-nos mesmo toda a fala da Ama com o Pedagogo (vv. 49 sqq.) e até o diálogo com o Coro no Párodo (vv. 98 sqq).

Pouco depois, ainda na mesma cena, Jasão promete a Melana a liberdade, se ela o ajudar na conversa que vai ter com Medeia sobre o seu casamento com Glauce (p. 30). A escrava responde que não vê interesse na sua liberdade, já que

.....uma mulher

Não conhece o sabor da liberdade.

Algum homem eu tinha de servir.

onde subjacentes estão com certeza os vv. 233-251 da *Medeia* de Eurípides em que a protagonista proclama que a mulher tem de comprar um marido à custa de riqueza e de tomar um déspota do seu corpo, para depois o servir em casa, tentando adivinhar os seus desejos e gostos.

De forma diversa do que acontece na *Medeia* de Eurípides, o Coro não tem individualidade e caracterização própria, mas limita-se a cantar, «nas mudanças de cena ou de ritmo», um “Lamento pelos heróis” e um “Hino a Hécate”, a deusa por excelência de Medeia. Com mais propriedade, na peça de Hélia Correia deveremos falar de coros uma vez que é um Coro masculino e outro feminino que de certo modo competem, o primeiro a cantar o seguinte “Lamento pelos heróis” (p. 13-14):

Ai do homem que deixa

A cidade sem guarda

E responde ao apelo

Ardiloso do mar.

Que é a eternidade

Mais do que uma sombra parda?

Parda sombra o herói

Se irá também tornar.

Mata, mata o guerreiro

Entre o corpo e a lança

Põe seu escudo de couro
Põe a sua ambição
Sobre o pó do terreiro
Alguma coisa dança
É o sangue a tombar
Como folha no chão.

Ai do homem que cai
No fulgor da batalha
E assiste ao festim
Que é o seu funeral
Morre longe de quem
Lhe teceu a mortalha
Morre longe da paz
A que sempre quis mal.

Ai do pobre mortal
Que nasceu masculino
Que do leite da mãe
Em vão se alimentou
Não pôde ela, falando,
Impedir-lhe o destino.
Só aos homens ouviu
Só à glória escutou.

A que responde o Coro feminino entoando este “Hino a Hécate” (p. 14-15):

A serpente
Que desliza
É jorro

De uma ferida
Sangra a terra
Da barriga
Lua negra
Que ilumina
A paisagem
Da chacina

A senhora
Das três caras
Dona das
Encruzilhadas
Das três vias
Aziagas
Com as três
Cadelas bravas
Solta a sua
Gargalhada.

Fazedora
De hecatombes
Tombas, Hécate,
Os mortais
No desastre,
Astro da febre,
No fulgor
Dos temporais.
Leva as armas
Para a cova

Herói macho,
Herói perdido.
Que ao luar
A mulher dança
Sobre a cova
Do marido.

Em relação à *Medeia* de Eurípides, além da diferença no que respeita ao Coro de mulheres coríntias, na *Desmesura* também não aparecem em cena, como personagens, Creonte, Egeu, a Ama e o Pedagogo. Na peça de Hélia Correia apenas dialogam Medeia, Jasão e as três escravas Melana, Éritra e Abar. Inovação de Hélia Correia é ainda a existência de uma filha bastarda de Creonte, Éritra, que vai originar um desfecho diferente à peça. Por outro lado, a acção não decorre em dependências de palácio, mas na cozinha de uma casa simples em que Jasão vivia com Medeia e os filhos. Aí, no início, as escravas Melana e Éritra, sua filha, preparam o pão, actividade que se prolonga por toda a I Parte. Chove e troveja e a peça abre com as duas a falarem sobre a chuva que não pára, dos sonhos que todos têm, mesmo os escravos (p. 17):

Melana: A chover, outra vez? [...] A chover, sempre.

Éritra: Não digas nada.

Melana: Eu digo alguma coisa?

Éritra: Pensaste.

Melana: Ninguém manda no que pensa.

Éritra: (*segredando*) - Ela consegue ouvir-nos a pensar...

Melana: A água já está quente? Vai deitando.

Éritra: É isso o que me assusta mais que tudo.

Melana: São coisas que meteste na cabeça.

Se ela ouvisse pensar, há muito tempo

Que me tinha matado... E os meus sonhos...

Éritra: Que sonhos?...

Medeia, a cujos tradicionais estranhos dotes e poderes as duas escravas se referem sem lhe pronunciar o nome, não se encontra em casa. Saiu atrás de Abar, uma escrava negra da Núbia que partiu em busca de luz e de sol, porque a chuva a adoecia, debilitava, lhe provocava mesmo a morte. Essa escrava tornou-se essencial à protagonista: ensinou-a esta a sua língua nativa para em colco poder falar, o único consolo que tem em Corinto (p. 22), onde se sente só e exilada. Percebe-se que todos temem a princesa cólquida, pelos seus poderes sobre o tempo, pelos seus dotes mágicos, pela sua ligação à deusa Hécate, senhora das encruzilhadas e da noite, pela sua crueldade e desejo de vingança. Percebe-se também, com o decorrer do diálogo entre as duas e pelas alusões de outras personagens, que um segredo existe quanto à paternidade de Éritra – segredo que alguns procuram preservar e muitos já descobriram ou intuíram. Primeiro, a uma pergunta de Éritra, Medeia responde se quer que lhe diga o que o seu sangue já adivinhou (p. 25). Mais adiante, Abar aconselha Melana a dizer a verdade à filha, porque o seu cabelo há muito a disse a toda a gente (p. 27). Por fim, Jasão revela ter ouvido da boca de Creonte que Éritra é sua filha. O diálogo – também uma denúncia da situação precária das mulheres, uma das tónicas da peça como o era na *Medeia* de Eurípides – corre assim (p. 29):

Melana (*amarga*): Sim, Jasão, as mulheres envelhecem

E deixam de servir. Melhor seria

Que as pudésseis deitar para a lixeira

Como cascas de noz. Melhor seria

Ter sempre a casa cheia de donzelas...

Jasão: Como esta aqui (*designa Éritra*). Tão bela como Glauce.

E tão parecida como sua irmã.

Melana: Não sabes o que dizes.

Jasão: Sei-o bem.
Sei-o perfeitamente. O Rei e eu
Tivemos esta tarde uma conversa
Quando eu lhe confessei que desejava
Levar para a minha cama esta bastarda,
Ele ofereceu-me Glauce.

É evidente que semelhante revelação vai provocar reacções sucessivas e em cadeia: uns, por não quererem que a verdade surja à luz do dia; outros, por verem as suas suspeitas confirmadas; outros ainda, por receio de que não seja verdadeira a boa notícia acabada de ouvir. Até que Éritra, com a censura à mãe de lhe ter ocultado a verdade, exclama «Então eu sou filha do Rei!» e conclui:

Eu bem sabia, eu bem o suspeitava.
Eu não nasci para escrava de cozinha!

Afirmação que provoca a resposta imediata de Abar: «Ninguém nasceu para escravo, rapariga.» E assim, pela voz da escrava núbria, está também presente em *Desmesura*, neste diálogo e em outros passos, a afirmação, que começa a aparecer na Grécia no séc.V a. C., de que os homens por natureza são iguais e de que ninguém nasceu para escravo. Por exemplo, Antífonte, Eurípides e Alcídamente. Remeto para estudos em que abordo o assunto² e cito apenas, do último dos autores referidos, o seguinte fragmento transmitido por um comentador da *Retórica* de Aristóteles (1373b), que é bem explícito e está muito próximo das palavras de Abar: «A divindade criou todos os homens livres; a natureza não fez nenhuma pessoa escrava».

Local de confidências e de encontros em *Desmesura*, à cozinha vai Jasão a perguntar pela mulher e – homem cansado de andar de exílio em exílio, em

² - *Hélade e Helenos 1 – Génese e Evolução de um Conceito* (Coimbra, 1993), pp. 247-252; *A Democracia na Grécia Antiga* (Coimbra, 1990), pp. 73-75.

consequência das vinganças que, por sua causa, Medeia pratica – na cozinha tem com ela a conversa definitiva em que anuncia a sua decisão de casar com Glauce, a filha do rei Creonte. E Medeia não deixa de sublinhar a inadequação do local para conversa tão delicada (p. 34):

Aqui, entre criadas, atiraste
Com toda a minha vida para o chão
Como um pedaço que se atira aos cães.

Com palavras um pouco cínicas e um tanto oportunistas, Jasão procura justificar as novas núpcias, alegando que, a ele, lhe darão poder e estabilidade e, para todos (para ele, para Medeia e para os filhos), obterão segurança e protecção. Todavia vão motivar também o envio à noiva da coroa e do manto mágicos que estarão na origem da morte horrível da rival e, mais tarde, acabarão por levar ao assassinio dos filhos, quando Jasão se recusa a partir com ela e anuncia, pelo contrário, que se casará com Éritra, a bastarda de Creonte. É precisamente esta meia irmã que, em lágrimas, vem anunciar a morte de Glauce, perante e espanto geral – o de Medeia irónico («Morreu? Não acredito»). Com reprovação assustada da mãe, a jovem acusa então a Cólquida, chamando-lhe feiticeira, e descreve os sofrimentos terríveis da princesa deste modo vivo, em duas pinceladas (p. 44):

Éritra: Foi ela, mãe! Foi ela quem mandou
Um manto envenenado para a princesa.
Assim que a pobre o colocou nos ombros,
Seu corpo ateou fogo. Ela gritava,
Corria pelos pátios, pelas escadas.
Nós, a mãe, as amigas, as criadas,
A tentar alcançá-la, mas as chamas
Espalhavam-se no espaço a separar-nos.
Os escravos, os guardas, alertados,

Faziam grandes gestos e fugiam
Como se enlouquecidos pela cena.

Esse fogo devorador e o sol da manhã, que despontara límpida e clara, contrastam com o tempo sombrio e chuvoso trazido por Medeia. E a notícia da terrível vingança faz Abar entender a razão do aparecimento matutino do sol: «existia um fogo para atear», exclama ela. E logo Éritra sublinha a presença da oposição na própria protagonista: sendo só noite e negridão, nela resplandece o mal e a vingança:

Como ela resplandece, ela que é feita
De breu, de negridão! Como o mal paira
Sobre a sua cabeça! Uma serpente
Não morde assim a mão que a recolheu!

E ao conselho da mãe para moderar as palavras, porque Medeia é a patroa e tem poder de vida e morte sobre elas, Éritra anuncia à assustada mãe, de que Corinto prenderá a Cólquida e ficarão livres. Astuciosa, logo esta lhes retira as ilusões, recordando que também acusarão a jovem de, com as frequentes visitas ao palácio, apenas pretender ganhar a confiança da princesa. E acrescenta, sibilina: «a escrava / É só uma extensão da voz do dono. / Tudo o que o dono faz recai sobre ela» (p. 45). E assim mais uma vez aflora a oposição senhor / escravo que tem papel significativo também na *Medeia* de Eurípides.

No diálogo que se segue, com a entrada de Jasão, enfurecido – diálogo elucidativo, violento por vezes, por vezes irónico, em que ponteia a cada passo a oposição Grego / Bárbaro – sobressaem, por um lado, o interesseirismo e calculismo do herói de Iolcos, por outro, os sentimentos avassaladores e possessivos de Medeia. Neste diálogo denso, o primeiro acusa a ex-mulher de falar aos filhos constantemente do seu país e da sua língua, de pagar a gratidão com violência e vingança. Medeia, que esperava amor a corresponder ao

sentimento que a levou a tudo ousar por ele, embora corrobore a afirmação de Jasão de que nada lhe pediu, não deixa de acrescentar que tudo nele lhe falava sem palavras, pondo em evidência a força avassaladora e incontrolável dos sentimentos que a dominam (p. 47):

Mas tudo em ti falava sem palavras.
A minha pele ouvia a tua pele,
Os meus lábios teus lábios. Existias,
Vindo do mar. O único. O esperado.
Não tinhas de pedir. O mundo inteiro
Se abateu como areia a nossos pés.
Comentam que traí minha família
Mas eu não tinha já família, ao ver-te.
O amor avassalou todo o meu espaço.

Jasão: Dá-se o nome de amor a muita coisa.
Até a uma força que destrói.

De novo o excesso, a paixão avassaladora – domínios que a razão não controla, à qual Jasão recusa chamar amor. Aliás já anteriormente Melana se recusara a classificar como amor o ‘medonho’ sentimento que de todo preenchia o coração de Medeia (pp. 37-38). A protagonista falava do arrebatamento que se apoderou dela e a domina, com uma força, com uma paixão incontroláveis. Sublinha que é pessoa só, para quem não existe «nem mãe, nem esposa / Nem filha de seu pai»; que «existe apenas / O começo do belo e do terrível», que desde o começo foi destinada para Jasão, com ele respira e dele se alimenta, não com ar e com frutos; proclama que tudo na sua vida converge para Jasão como seta. Perante um sentimento assim, Melana pergunta se «deveremos / chamar amor a coisa tão medonha» (p. 38).

Ao volume crescente das vozes da multidão no exterior e à confissão de Jasão de não ter coragem de enfrentar os Coríntios nem de continuar a andar

como mendigo de terra em terra, abate-se sobre a casa e a cidade grande temporal, com raios e trovões, que afugentam as pessoas entre exclamações e gritos. Medeia – com comentário ao silêncio que se gera, à fuga dos Coríntios para as suas casas – propõe a Jasão a partida para a Cólquida, para o seu «doce / País dos montes e dos nevoeiros» (p. 48). Ela que é chuva e negro, que não suporta o sol da Grécia, resplandece com o mal e com a destruição que os seus poderes mágicos e feitiços provocam para se vingar. Contraditoriamente, apelida mesmo de doce o país e nevoeiros em que nasceu – ou então é a voz da própria Hélia e o seu gosto pelos dias de chuva e de névoa, como em conversa já confessou.

E Jasão chama precisamente a atenção para tal contraste, ao sublinhar que a fuga dos Coríntios se não deve ao «medo de uma tempestade» mas ao pânico dos seus traços bárbaros, dos seus poderes mágicos e feitiços. E voltando a realçar a oposição grego/bárbaro, recusa partir com Medeia «para viver entre bárbaros» (p. 48) e anuncia, pelo contrário, o novo plano de casar com Éritra, bastarda de Creonte e meia irmã de Glauce (p. 49).

Medeia, desvairada, manda Abar trazer-lhe os filhos, sem atender à sua pergunta-súplica «No meio desta chuva?» e, saída a escrava, revolve-se entre espasmos, suores, vômitos; considera que tudo o que encheu a sua vida se esvaiu, que o ciúme lavra em si e que a tarefa de vermes e comedores de mortos de modo algum se lhe pode «comparar, esse «veneno / Que arde e destrói a minha humanidade» (p. 50). E o seu monólogo, agitado e convulso acaba nesta exclamação-interrogação, em que se nota a força da mulher e defensora das mulheres que encontramos na *Medeia* de Eurípides e ao mesmo tempo intensa carga da oposição o grego e o outro (p. 50):

.....Amante!

De homem e grego, o que se esperaria?

E, com amargura, conclui que só podia esperar «filhos mestiços», em que ela encontrava o reflexo de Jasão, mas nos quais a Grécia via «pequenos animais engaiolados», desprezados mesmo «antes / De revelarem sua natureza». E este raciocínio ou constatação cruel – que é afinal a situação de muitos refugiados e exilados – arrasta a ideia de vingança. Vai matar os filhos para atingir Jasão no «seu centro de dor onde eu não tive / Nunca morada, agora o vejo e entendo». E termina com estas palavras relativas aos filhos (p. 51):

A vós, meus filhos, verdadeiramente
Vos farei nascer hoje, vos atiro
Para longe da barriga, para onde
Meu coração já não vos reconheça.
Materna é a leoa, o tigre-fêmea,
É a águia real. Medeia, não.

Abar chega com as crianças mas, ao ver Medeia de faca na mão e a expressão enlouquecida, tenta escondê-las por trás das cortinas da dispensa e faz frente à patroa, referindo que é loucura o que planeia fazer e que nunca se viu tal coisa. Ao que Medeia concorda (p. 51-52):

Sim, tens razão. O mundo assistirá
Àquilo que não tem nome, ao indizível.
Este será o dia em que o sol gela
E os cadáveres da terra se levantam
E o mar se eleva, se afundam as montanhas
E a hecatombe fertiliza os campos.
Hécate triunfal!

Procura afastar Abar que continua a resistir e a opor-se-lhe, apesar de muito debilitada. Acaba mesmo por a matar, com esta sentença: «Seja então. /

Será teu sangue a minha passadeira». E a peça termina com a morte das crianças.

E assim em *Desmesura*, de forma diferente do que sucede na *Medeia* de Eurípides, o rei não morre com a filha nem se verifica o encontro final em que Jasão pede os cadáveres dos filhos a Medeia e esta, já no carro do Sol, lhos nega. Na peça de Hélia Correia, no momento em que sacrifica as crianças, a protagonista pronuncia apenas as seguintes palavras que são também a conclusão da peça (p. 52):

Meu corpo que os gerou os aniquila,
Aos filhos de seu pai. Tu, Sol, prepara-te
Para me resgatar com o teu carro
Que os assustará tanto como a chuva!
Cidadãos gregos, tudo o que vos cabe
É somente ir contando a minha história
Até que um, de entre vós, a compreenda!

E nestes versos encontramos, por um lado, a valorização da palavra, a única capaz de interpretar o mito; por outro, a oposição sol / chuva que é central em *Desmesua* – ou, alargando um pouco mais, entre luz e sombra, ou Apolo e Hécate.

Desde o início encontramos a protagonista associada à chuva que não pára de cair, vemo-la identificada com a noite e as trevas. Por outro lado, Medeia surge como fiel adoradora de Hécate, a deusa das sombras e das artes mágicas.

E, se a cena abre, como vimos, sob um grande temporal, a continuação do diálogo de Melana e Éritra acaba por identificar esse temporal com Medeia (p. 18). Aconselha a primeira a que falem de assuntos comuns e logo começa: «Ah, como chove!...» A estranheza da filha é imediata:

E é assunto comum que chova assim?
Toda a gente em Corinto passa a vida

A estranhar estas chuvas tão intensas
Eu própria me recordo de como era
Cheia de sol esta cidade. E quente!
Os Invernos passavam num instante.
Desde que ela chegou, vivemos nisto...

Por vezes a oposição sol / chuva provoca efeitos sobre as personagens: sobre a saúde e os humores. O caso mais paradigmático é o da escrava núbia Abar, de raça negra, que, a cada passo, sai de casa e procura lugares onde haja sol: «Eu não fujo, senhora. Quero apenas / Buscar o sol dos meus antepassados. / Foi esta chuva que me adoeceu», defende-se (p. 23). E conclui ser capaz de ir até «onde for preciso para morrer / Com a bênção de Ra», o Sol. (p. 23)

Face ao desmaio de Abar, Medeia sacode-a com força, a ponto de provocar a reacção de Melana (p. 24) que procura impedi-la e a censura mesmo de ter arrastado a escrava núbia de novo «para Corinto, / Onde a chuva a pôs nesta condição». E o diálogo, significativo, prossegue e mostra com clareza quanto, no pensamento das pessoas, a chuva aparece associada à presença de Medeia:

Éritra: Foste tu que a mataste. A chuva és tu!

Veio agarrada a ti como uma peste!

Medeia: Que diz a rapariga?

Melana: Nada!

Éritra: Nada!

Medeia: Fui eu quem trouxe a chuva?

Melana: Ouviste mal.

Medeia (*sorrindo*): Tal é o ódio e o medo que me têm.

Estraguei-vos a Grécia, não é isso?

Nunca me resignei à vossa luz.

E, nas palavras de Medeia, sobressai a oposição luz / sombra ou dia / noite, contrapondo a luz helénica a Hécate, «deusa do sangrento luar». Assim declara ser-lhe impossível conviver com o sol da Grécia, sublinha o seu estatuto de princesa e, longe embora do seu reino, não se considera desprotegida. Tem junto de si «Hécate, a deusa / Do sangrento luar», de que permanece sacerdotisa. Face à afirmação-pedido de Melana para deixar entrar o sol na cidade, caso contrário a escrava núbia «morre de chuva e escuridão», exclama (p. 25): «Mas sob o vosso sol morria eu». Logo Éritra a questiona porque não volta para a sua terra, se lhe «faz tanta falta o negro Inverno» (p. 26).

Ou seja, sendo Medeia símbolo da chuva, das névoas, das sombras, do inverno, o sol grego seria a sua morte, porque equivaleria à destruição ou desaparecimento do que ela simboliza: tudo o que há de sombrio e nocturno, de violento e vingativo no homem, na alma humana.

Quase de imediato termina a I Parte com a saída da princesa da Cólquida, que em todos deixa um suspiro de alívio, e com a rubrica de cena a informar de que a oposição permanece (p. 26): «Continua a chover mas da taça onde as ervas do chá estão mergulhadas em água quente sai uma claridade. A cabeleira de Éritra também brilha». A luz que sai do chá que Melana preparava para Abar e do cabelo de Éritra. Assim o final desta parte deixa-nos dois sublinhados que se vão manter nas duas restantes partes: a permanência da oposição sol / chuva e a valorização da importância da palavra. No que respeita à última é bem explícita a resposta de Medeia a Melana quase a terminar esta I Parte: à pergunta-conselho porque não ensina aos filhos a língua do seu país, se tem necessidade de a escutar dá a seguinte elucidativa justificação (p. 26):

Os meus filhos são gregos. Hei-de vê-los
A reinar sobre o trono que seu pai
Devia ter há muito conquistado
Ao ramo da família que o roubou.
Por muita glória que o meu sangue tenha,

Glória alguma equivale à de reinar

Numa terra cantada pelos poetas.

O que não é narrado não existe.

A Parte II abre com a entrada de Jasão (p. 28), a quem Melana aconselha a entrar e a não irritar a mulher, porque ela é terrível. Apesar de filha do Sol, recebeu da deusa Hécate todo o poder e crueldade, tem as mãos «cheias de trevas e de morte» e «destrói quem ousa / Desagradar-lhe ou desobedecer-lhe». Jasão, porém, em vez de entrar, pede que chamem Medeia, e é na cozinha que lhe vai revelar a sua resolução de a deixar e de casar com a filha do rei (pp. 30-31). Como justificação aponta a atitude desconfiada com que os Coríntios o olham, por causa dela: todos o evitam, por lhe atribuírem a ela a «chuva que não cessa de cair» e por a verem acender tochas nas encruzilhadas à deusa Hécate que é tão temida pelos Gregos.

Se nas duas primeiras partes de *Desmesura* se verifica, como se acaba de ver, uma oposição entre sombra, escuridão ou chuva, simbolizadas em Medeia, e a luz ou o sol da Hélade e dos Gregos, o contraste é em especial evidente na terceira, em que a vingança da protagonista se revela com toda a nitidez e crueza. Esta III Parte abre pela manhã, com Abar maravilhada com o sol quente que entra na cozinha (pp. 41-42):

O sol! O meu senhor! Nem quero crer!

Ah, como o sangue aquece e ganha vida!

Ou estarei caminhando com os mortos

Por entre o seu esplendor? Ou foi Medeia

Que abandonou Corinto? Onde está ela?

Ah, como pode a luz abençoar

Tão terrível manhã?

Melana, que entretanto chega, anuncia o acolhimento favorável do presente, entregue pelas mãos dos filhos de Medeia no palácio, e as duas

estranham o sinal de humildade da patroa, a ponto de a escrava núbria perguntar se «pode um deus / Dos gregos enganar-se» e se havia voltado o deus sol, o deus de que Medeia descende e que, «decerto a seu pedido», se retirara destes lugares, deixando / Todo o espaço para Hécate» (pp, 41-42). Subjacente encontra-se, contudo, a consciência do terrível plano preparado, como o denunciam as palavras com que Melana responde (p. 42):

Se o sol surgiu, não foi nos corações.
Mesmo os pequenos inocentes iam
Carregando o seu cofre com o manto,
Cheios de palidez e de temor
Como se suspeitassem...

Ao ter conhecimento da morte de Glauce no fogo ateadado pelo manto mágico, Abar – que considera ter o estado de loucura de Medeia ultrapassado o sentimento de ciúme e ser já desvario, ao ponto de implicar os filhos nas suas bruxarias, por deles não se suspeitar (p. 42) – exclama, como já foi referido, entender agora a razão do aparecimento do sol nessa manhã: «Porque existia um fogo para atear» (p. 44).

Depois é Jasão, no diálogo violento que travam os dois após a morte de Glauce, a apelidar Medeia de monstro, de «criatura das trevas», a acusá-la de sacrificar a monstros e a não estimar os deuses gregos. O que leva Medeia a perguntar se desrespeitou algum deles e se Hécate não é também deusa dos Gregos (p. 46):

Medeia: Acaso a deusa Hécate, a da lua
Tempestuosa, a deusa das cadelas
Vindas de sob a terra, a que venero,
Não existe também para vós, os Gregos?

Jasão: Para os Gregos existe muita coisa
De que nunca se fala.

A resposta de Jasão mostra existir, também para os Gregos, franjas fechadas à luz da razão, zonas de sombra e de negridão, a que não convém abrir a porta ou a janela, trazendo-as para a luz do dia pela palavra. E Hécate, a deusa das artes mágicas é um desses assuntos vedados. Já na *Medeia* de Eurípides é a deusa predilecta da protagonista, por quem ela jura desta forma solene (vv. 395-398):

[...] pela minha Senhora, a quem presto culto acima de todos, e que escolhi para me ajudar, por Hécate, a que habita no recesso do meu lar, nenhum deles torturará incólume o meu coração³.

A *Desmesura* de Hélia Correia acentua, no entanto, o culto à deusa como elemento não helénico de *Medeia* e como ponto de fractura entre ela e Jasão. Assim refere este (p. 31) que o povo de Corinto o evita, por causa dela, pois acende tochas nas encruzilhadas à deusa Hécate que é tão temida pelos Gregos. Pouco depois, ao adivinhar já o que Jasão lhe quer ou vai dizer, a protagonista pede às escravas que acendam lucernas, pois parece-lhe que a noite chegou ou que vê «apenas escuridão em volta», tem a sensação de que a sua deusa, Hécate, já não está consigo; pelo menos, não a sente. O subsequente comentário de Melana é elucidativo dos sentimentos gerais: o tempo que *Medeia* trouxe não deixa distinguir as horas e seria «dia festejado, aquele em que Hécate / Deixasse esta cidade».

No segundo momento da Parte II (p. 36), em plena noite – com a rubrica de cena a informar ser «lunar de Hécate, vermelho» a luz que ilumina a cozinha, também o dormitório das escravas – a protagonista aparece com o manto mágico que vai provocar a morte de Glauce, acorda Abar, pergunta-lhe se lhe quer bem. Obtida a resposta da escrava núbia de que nunca a traiu e de que «Uma escrava só tem um sentimento. / A lealdade» (p. 36), procura conquistar

³ - Tradução de M.H.Rocha Pereira, Eurípides, *Medeia* (Lisboa, Gulbenkian, 2005).

as escravas, sublinhando: «Somos todas mulheres. Quem me humilhar / A vós humilha! Não sofremos nós / Com as mesmas bebedeiras dos senhores, / Com a posse brutal e com os partos?». Face à estranheza de Melana ante esta súbita humildade (p. 36). Medeia acusa-a de ser uma espia de Creonte, mas logo acrescenta já nada importar agora, pois o seu (p. 37)

..... mundo virou-se do avesso.
Ouvís como uivam as cadelas de Hécate?
Cercam o belo sono do traidor.
Buscam-lhe o peito e as coxas, os nervos
Músculos de Guerreiro. Ah, também ele
Não dormirá tranquilo nunca mais.

Assim as sucessivas referências ao culto que Medeia dedica a Hécate são mais um dos traços fortes que carregam a oposição luz e trevas ou chuva / sol. Mas essa oposição, que percorre toda a acção da peça, aparece pontuada ou apoiada por outras linhas de força, outros contrastes. E um dos sublinhados mais significativos reside na sedução dos Gregos pela fala, um aspecto que Hélia Correia não deixa de acentuar mesmo em outras obras⁴.

É um tópico que aparece referido praticamente nas primeiras falas, quando Éritra interroga a mãe sobre a identidade de quem a escravizou e por que razão nunca lho revelou (p. 21). Melana refugia-se na afirmação de se tratar de «história antiga», e logo acrescenta ter-lhe ensinado a temer as palavras, sempre prejudiciais aos escravos:

..... São um luxo
A que os Gregos se entregam por prazer,
Como o vinho e os jogos. Para nós,
É como alimentarmos a serpente
Dentro da própria boca.

⁴ - Aparece referida em *O Ouro de Delfos*, primeiro volume da série *Mopsos o Pequeno Grego*.

Num diálogo tenso em que Medeia apelida Abar de traidora e Éritra chama «Bruxa velha» à patroa, Melana pede que se calem todas (p. 26) e acrescenta que «Os gregos gostam muito de palavras», mas que «por elas nos chegam as desgraças». Não deixa também de sugerir a Medeia que ensine aos filhos a sua «língua desarmoniosa», se tanto necessita de conversar e ouvir os sons do seu país. A protagonista, porém, responde que os seus filhos são gregos, que ainda os há-de ver a reinar no trono de Jasão e que, por muita glória que o seu «sangue tenha, / Glória alguma equivale à de reinar / Numa terra cantada pelos poetas. / O que não é narrado não existe». E Melana acrescenta que o «que não é dito não magoa».

Depois, na Parte II (p. 34), quando Jasão lhe anuncia, na cozinha, que resolvera abandoná-la para casar com a filha de Creonte, Medeia não deixa de sublinhar a inadequação do local para conversa tão delicada:

Aquilo que me era mais precioso, aquilo
Porque eu deixei família, e pátria, e língua,
E tudo o mais, a vida, eu deixaria:
O teu amor, acabas de o esmagar
Como se fosse um verme, com os pés!
Aqui, entre criadas

Esta censura amarga dá corpo também ao efeito que podem ter as palavras, traduz a destruição da confiança e mútua relação entre as pessoas. E tal poder é sublinhado ainda com mais evidência em outra resposta, amargamente cortante e bem reveladora do efeito destruidor das palavras, dada por Medeia à interrogação de Jasão, meio preocupada, meio surpresa, se vai lutar para que ele a não deixe (p. 35):

..... Não. Nem vosso Zeus podia
Fazer voltar o tempo àquele instante

Em que ainda não tinhas dito nada.

O meu mundo acabou. Começou outro.

Estas são as últimas palavras da princesa cólquida, antes de virar costas a Jasão e sair de cena, no diálogo em que este lhe comunica o seu novo casamento. E nelas está bem sublinhado o poder das palavras e a ruína que elas podem provocar no coração das pessoas, a devastação que são capazes de causar na confiança mútua.

As palavras são o espírito das coisas, afirma Abar, quando Medeia vem comunicar o seu plano de envio do manto mágico e estranha já ser da escrava conhecido. Então, a núbria refere conhecê-la bem e não ter sido em vão que lhe ensinou a sua língua e a iniciou nos feitiços (p. 39), pois «as palavras não são senão o espírito / Das coisas que nomeiam. Sim, não vi / Somente o teu país. Eu vi-te a alma / Tão negra como eu» (pp. 39-40).

Outra oposição se repete ao longo de *Desmesura*, a de Grego/bárbaro, também existente na *Medeia* de Eurípides, embora com traços diversos. Na tragédia grega, a oposição aparece englobada na equação dicotómica Grego / Bárbaro, equivalente à de superior /inferior, e entronca no tema mais amplo da observância da lei. Os vv.534-541, ao referirem que Medeia recebera mais do que dera — em vez da violência, a utilização da lei e em vez da força o acesso à glória —, são profundamente irónicos. Afinal Jasão, o grego, não observa a lei e trai os juramentos, enquanto Medeia, a bárbara, é a fiel e a observante. No final da peça, todavia, depois da morte cruel de Glauce e Creonte e do filicídio, já concordamos com as palavras de Jasão: Medeia praticara um acto que nenhuma grega ousaria, que é dotada de natureza selvagem, que é leoa e não mulher (vv.1339-1343).

Em Hélia Correia a tónica é colocada na ideia de que a língua constitui uma forte distinção — que era também a linha demarcante fundamental, para

não dizer quase única, na cultura grega até aos inícios do século V a.C.⁵ Assim, em *Desmesura*, Medeia ensina à escrava núbia Abar a sua língua para poder ouvir a língua dos seus e nela poder conversar com alguém (pp. 22 e 23-24). Trata-se, na opinião de Melana, de uma língua desarmoniosa (p. 26), classificação corroborada por Jasão, ao exclamar mais tarde, quando escuta a voz de Abar (p. 27-28): «Outra vez tu? / Quem a trouxe de volta? Novamente / Terei de ouvir falar aquela língua / Que é um ultraje à Grécia?». Depois, em conversa com Medeia (p. 30), considera que falar em colco com a escrava núbia é atitude antipática. Curiosamente é o mesmo Jasão que, por ocasião da revelação a Medeia da sua decisão de casar com Glauce (p. 32-33), pede a Abar para falar nessa língua, de modo a tornar menos desagradável a notícia cruel que acabava de dar. O que leva Medeia a ironizar:

Cobarde. Não te escondas atrás dela.

Já não te servem as palavras gregas.

Tens medo de as sujar com a pestilência

De um coração traidor?

Mas também se detecta a noção, comum entre os Gregos, de que nasceram para ser livres e de que a escravatura se destina aos outros povos. Dou um exemplo. Ao aperceber-se qual a finalidade do manto que Medeia preparava (p. 39), Melana clama não poder deixar que Medeia faça tal coisa. Mas a princesa cólquida lembra-lhe que é altura de pensar «não com rigor, mas com paixão, a vida» e repete-lhe a afirmação de Abar de que «a escrava tem dever de lealdade» aos amos (p. 39). A núbia, no entanto, refere que Melana é grega e que as gregas têm «estranhas ideias sobre a escravidão» e pensam «que não nasceram para servir» (p. 39), que têm sonhos de gregas, sonhos livres, até mesmo acordadas (p. 39).

⁵ - Vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos 1 – Génese e Evolução de um Conceito* (Coimbra, 2019), pp. 191-256.

Outras linhas de força e contrastes poderíamos sublinhar, mas que omito por muitas delas já terem sido sugeridas nas páginas precedentes. De passagem, anoto apenas o que poderíamos designar como a destruição da heroicidade de Jasão. Uma vez surge a valorização da sua qualidade de herói – o que conseguiu o velo de ouro. Fazem-no Medeia, no início, o próprio Jasão, é evidente, e Éritra. Esta nas páginas 28-29 estranha que a mãe esqueça a prudência de que tanto fala e desrespeite o amo Jasão, «o herói da Grécia».

Outras vezes essa heroicidade é nitidamente desvalorizada. Por exemplo, Melana que o acusa de ter medo da mulher (p. 28); sobretudo Medeia (p. 34), ao ver Jasão titubear no momento da revelação do seu casamento com Glauce, exclama:

Eu não preciso de feitiço algum
Para saber quando mentes. Como tens
Mentido, sem cessar, a noite inteira!...
Eis o herói da Grécia! Aquele que treme
Na cozinha da casa!

E assim *Desmesura* de Hélia Correia, através das palavras das suas personagens – às vezes mesmo pela voz da que socialmente é mais desqualificada, caso da escrava negra Abar – vai descobrindo a alma das figuras. Tantas zonas de sombra, tantos clarões de sol. Os segredos e medos que as habitam as pessoas e que, por vezes, evitam sequer nomear; a situação precária da mulher e as disputas de género; os sonhos recalcados que em segredo germinam no coração dos escravos; os contrastes e preconceitos ráticos; as paixões avassaladoras e incontroláveis que arrebatam Medeia e a conduzem à vingança mais crua. Sobretudo o ciúme que, denso e intenso, vai laborando e corroendo. Qual veneno, o trabalho do ciúme a todas as fibras chega e em todas se infiltra, tudo destrói, todos os sentimentos e alegrias devora e mata, como o reconhece a protagonista (p. 50):

Tudo aquilo que encheu a minha vida
Se esvai neste suor. A terra, os vermes,
Os comedores de mortos nada fazem
Se o seu trabalho eu comparar com este
Trabalho do ciúme, este veneno
Que arde e destrói a minha humanidade.

José Ribeiro Ferreira

A cada passo o mito aparece subjacente nas palavras e falas das personagens.

P. 23: Quando Medeia refere que tem os seus poderes e ordena a Abar que fique entre os vivos, a escrava Melana acentua que ela não tem poder contra a morte, que é capaz de matar, mas não de salvar:

Melana: Que matas mas não salvas.

Medeia: Cala essa boca, escrava! Tu que sabes?

Melana: O que todos sabemos. Que mataste
o teu próprio irmão e o cortaste em postas...

Medeia: Para atrasar meu pai que perseguia
O barco de Jasão e as recolheu
Para o ressuscitar, como eu previa.

Melana E o velho Pélias? O senhor de Iolcos
Cujas filhas levaste no engano,
Fazendo-as cozinhar o próprio rei
Sob o pretexto de o tornar mais novo? ...

Medeia: Esse maldito rei puniu Jasão.
Mandando-o para o perigo. Ainda que,
Devo reconhecer, foi para cumprir
A sua ordem que chegou à Cólquida.

TEXTOS

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, p. 17):

“Lamento pelos heróis” (p. 13-14):

Ai do homem que deixa
A cidade sem guarda
E responde ao apelo
Ardiloso do mar.
Que é a eternidade
Mais do que uma sombra parda?
Parda sombra o herói
Se irá também tornar.

Mata, mata o guerreiro
Entre o corpo e a lança
Põe seu escudo de couro
Põe a sua ambição
Sobre o pó do terreiro
Alguma coisa dança
É o sangue a tombar
Como folha no chão.

Ai do homem que cai
No fulgor da batalha
E assiste ao festim
Que é o seu funeral
Morre longe de quem
Lhe teceu a mortalha
Morre longe da paz
A que sempre quis mal.

Ai do pobre mortal
Que nasceu masculino
Que do leite da mãe
Em vão se alimentou
Não pôde ela, falando,
Impedir-lhe o destino.
Só aos homens ouviu
Só à glória escutou.

“Hino a Hécate” (p. 14-15):

A serpente
Que desliza
É jorro
De uma ferida
Sangra a terra
Da barriga
Lua negra
Que ilumina
A paisagem
Da chacina

A senhora
Das três caras
Dona das
Encruzilhadas
Das três vias
Aziagas
Com as três
Cadelas bravas
Solta a sua
Gargalhada.

Fazedora
De hecatombes
Tombas, Hécate,
Os mortais
No desastre,
Astro da febre,
No fulgor
Dos temporais.
Leva as armas
Para a cova
Herói macho,
Herói perdido.
Que ao luar
A mulher dança
Sobre a cova
Do marido.

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, p. 17):

Melana: A chover, outra vez? [...] A chover, sempre.

Éritra: Não digas nada.

Melana: Eu digo alguma coisa?

Éritra: Pensaste.

Melana: Ninguém manda no que pensa.

Éritra: (*segredando*) - Ela consegue ouvir-nos a pensar...

Melana: A água já está quente? Vai deitando.

Éritra: É isso o que me assusta mais que tudo.

Melana: São coisas que meteste na cabeça.

Se ela ouvisse pensar, há muito tempo

Que me tinha matado... E os meus sonhos...

Éritra: Que sonhos?...

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 34):

Aqui, entre criadas, atiraste

Com toda a minha vida para o chão

Como um pedaço que se atira aos cães.

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 47):

Mas tudo em ti falava sem palavras.

A minha pele ouvia a tua pele,

Os meus lábios teus lábios. Existias,

Vindo do mar. O único. O esperado.

Não tinhas de pedir. O mundo inteiro

Se abateu como areia a nossos pés.

Comentam que traí minha família

Mas eu não tinha já família, ao ver-te.

O amor avassalou todo o meu espaço.

Jasão: Dá-se o nome de amor a muita coisa.

Até a uma força que destrói.

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 51):

A vós, meus filhos, verdadeiramente

Vos farei nascer hoje, vos atiro

Para longe da barriga, para onde

Meu coração já não vos reconheça.

Materna é a leoa, o tigre-fêmea,

É a águia real. Medeia, não.

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 51-52):

Abar: São crianças, senhora!

Medeia: Não! São armas!

Espadas que cortarão dia após dia,
Ferindo, doendo, atormentando como
Se se tratasse de um castigo eterno.

Abar: Não. Nunca tal se viu. Não pode ser.

Medeia: Sim, tens razão. O mundo assistirá
Sim, tens razão. O mundo assistirá
Àquilo que não tem nome, ao indizível.
Este será o dia em que o sol gela
E os cadáveres da terra se levantam
E o mar se eleva, se afundam as montanhas
E a hecatombe fertiliza os campos.
Hécate triunfal!

Abar: Serás lembrada
Por isso, pelo horror! Todas as mães
Hão-de cuspir para o chão sobre o teu nome!

Medeia: Sai!

Abar: Não!

Abar: Sai! Sai da frente! Seja então.
Será teu sangue a minha passadeira.

Mata Abar e afasta bruscamente as cortinas. As crianças nunca serão mais do que vultos na sombra.

Abar: Meu corpo que os gerou os aniquila,
Aos filhos de seu pai. Tu, Sol, prepara-te
Para me resgatar com o teu carro
Que os assustará tanto como a chuva!
Cidadãos gregos, tudo o que vos cabe
É somente ir contando a minha história
Até que um, de entre vós, a compreenda!

SOL E CHUVA – LUZ E SOMBRA

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 18):

E é assunto comum que chova assim?
Toda a gente em Corinto passa a vida
A estranhar estas chuvas tão intensas
Eu própria me recordo de como era
Cheia de sol esta cidade. E quente!
Os Invernos passavam num instante.
Desde que ela chegou, vivemos nisto...

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 24):

Éritra: Foste tu que a mataste. A chuva és tu!

Veio agarrada a ti como uma peste!
Medeia: Que diz a rapariga?
Melana: Nada!
Éritra: Nada!
Medeia: Fui eu quem trouxe a chuva?
Melana: Ouviste mal.
Medeia (sorrindo): Tal é o ódio e o medo que me têm.
 Estraguei-vos a Grécia, não é isso?
 Nunca me resignei à vossa luz.

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 25):

Medeia: Abar, ouve-me, acorda! Eu não consigo
 Viver sem ela aqui. Precisaréi
 De falar minha língua com alguém.
Melana: Deixa-a, eu trato dela. Poderias
 Deixar entrar o sol nesta cidade.
 Ela morre de chuva e escuridão.
Medeia: Mas sob o vosso sol morria eu.
Éritra: Se te faz tanta falta o negro Inverno,
 Porque não voltas tu para a tua terra?

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 41-42):

O sol! O meu senhor! Nem quero crer!
 Ah, como o sangue aquece e ganha vida!
 Ou estarei caminhando com os mortos
 Por entre o seu esplendor? Ou foi Medeia
 Que abandonou Corinto? Onde está ela?
 Ah, como pode a luz abençoar
 Tão terrível manhã?

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 41-42):

Abar: O sol! O meu senhor! Nem quero crer!
 Ah, como o sangue aquece e ganha vida!
 Ou estarei caminhando com os mortos
 Por entre o seu esplendor? Ou foi Medeia
 Que abandonou Corinto? Onde está ela?
 Ah, como pode a luz abençoar
 Tão terrível manhã?

.....

Melana: Se o sol surgiu, não foi nos corações.
 Mesmo os pequenos inocentes iam
 Carregando o seu cofre com o manto,
 Cheios de palidez e de temor

Como se suspeitassem...

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 47):

ÉRITRA - Ah, velha! Ah, feiticeira! Foste tu!

MELANA - Éritra, está calada. Tem juízo.

ÉRITRA - Foi ela, mãe! Foi ela quem mandou

Um manto envenenado par; a princesa.

Assim que a pobre o colocou nos ombros,

Seu corpo ateou fogo. Ela gritava,

Corria pelos pátios, pelas escadas.

Nós, a mãe, as amigas, as criadas,

A tentar alcançá-la, mas as chamamos

Espalhavam-se no espaço a separar-nos.

Os escravos, os guardas, alertados,

Faziam grandes gestos e fugiam

Como se enlouquecidos pela cena.

ABAR - Por isso o sol saiu, entendo agora.

Porque existia um fogo para atear.

ÉRITRA - E vejo-a a sorrir, à assassina.

Como ela resplandece, ela que é feita

De breu, de negridão! Como o mal paira

Sobre a sua cabeça! Uma serpente

Não morde assim a mão que a recolheu!

MELANA - Vê como falas, filha. Esta mulher

É a tua senhora. Tem poder

De vida e morte sobre nós

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 46):

Medeia: Acaso a deusa Hécate, a da lua

Tempestuosa, a deusa das cadelas

Vindas de sob a terra, a que venero,

Não existe também para vós, os Gregos?

Jasão: Para os Gregos existe muita coisa

De que nunca se fala.

AS PALAVRAS

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 21):

ÉRITRA - Quem te escravizou, mãe?

MELANA - É história antiga.

ÉRITRA - Que nunca me contaste.

MELANA Eu ensinei-te

A temer as palavras. São um luxo

A que os Gregos se entregam por prazer,
Como o vinho e os jogos. Para nós,
É como alimentarmos a serpente
Dentro da própria boca. Quem espreitar
Para dentro de uma casa poderá
Distinguir os escravos pelo silêncio.

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 34):

Aquilo que me era mais precioso, aquilo
Porque eu deixei família, e pátria, e língua,
E tudo o mais, a vida, eu deixaria:
O teu amor, acabas de o esmagar
Como se fosse um verme, com os pés!
Aqui, entre criadas

Hélia Correia, *Desmesura. Exercício com Medeia*, (p. 35):

Não. Nem vosso Zeus podia
Fazer voltar o tempo aquele instante
Em que ainda não tinhas dito nada.
O meu mundo acabou. Começou outro.